FAPCOMUNICA
Ano 3 | Nº 7 | Dezembro de 2016
Jornal Laboratório da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação

Vacina contra rinite tem 80% de eficácia

A Faculdade de Medicina de Jundiaí estuda um medicamento que pode reduzir em até 80% a incidência da rinite. Estima-se que entre 15% e 25% da população sofra deste tipo de mal.

Segundo especialistas, o tratamento com vacina é eficaz apenas em casos de rinite alérgica.

Página 10

Gabriel Jabur/Agência Brasília



O tratamento com vacinas ainda não está disponível pelo SUS, e os casos devem ser analisados individualmente

Esportes com toque de humor

A cobertura esportiva de rádio conquista o público e inspira programas universitários, como o Falta de Quarta.

Página 8

Teatro Oficina faz vaquinha virtual

Um dos mais antigos grupos criados envolvendo encenações na cidade, a companhia Teatro Oficina Uzyna Uzona, mais conhecida como Teatro Oficina, é símbolo da contemporaneidade urbana paulistana há quase 60 anos e tenta sobreviver através do apoio do público. Hoje busca na internet ajuda financeira para se manter na ativa através do crowdfunding.

Página 11

Jackson Quirino



"Vaquinha virtual" ajuda a manter o Teatro Oficina

"Jornalista tem que ter humanidade"

É o que alerta em entrevista Fausto Salvadori Filho, da Ponte Jornalismo, portal especializado na cobertura sobre Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos.

Página 12

Skate em 2020

Praticantes apostam em maior visibilidade após a inclusão, mas temem a perda da essência do esporte, gerando debates.

Página 8

Artesãos e compradores usam coletivo para negócios

Divulgação



Redes sociais são usadas para facilitar transações

Movimento "Compro de quem faz" (CDQF) na internet fortalece formas de economia criativa; rede social é usada para vender produtos feitos de forma artesanal. A iniciativa permite o contato direto entre produtores e compradores, gerando mais de 70 grupos nas redes sociais. As páginas contam com mais de 50 mil pessoas.

Página 6

Tempos sombrios

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito
Diretor da FAPCOM

Estamos em crise. Há tempos repete-se à exaustação essa frase. Mas o problema não é a crise em si. O problema, na verdade, é o vazio de pensamento. Um ditado antigo diz que "cabeça vazia é oficina do diabo". Diabo aqui para além do anjo descaído, mas aquilo que se infiltra nas instituições e nas mentes, causando divisão, intriga e ódio ao que é diferente. Noutros momentos da história a ausência de pensamento acarretou muitos estragos. Sem pensamento a humanidade adoece. Não diria que viraria bicho, porque seria uma ofensa às criaturinhas que, na sua maioria, são afáveis.

Não se trata de ser apocalíptico. Trata-se de discutir as questões que nos envolvem com o mínimo de responsabilidade e evitar o absurdo de ficar por aí criando bode expiatório. Bode expiatório é outra figura de linguagem que merece atenção do ato de pensar. É uma tentação da humanidade culpabilizar uns para eleger alguns como "pessoas de bem" e depositar no bode todos os males do mundo.

Que absurdo! Entre nós expressões da vez como petralhas, coxinhas, mortadelas e tantas outras de escalão baixíssimo têm feito verdadeiras guerras, sobretudo nas redes sociais, mas também ao vivo. Os chamados formadores de opinião da mídia hegemônica se encarregam de tecer tal narrativa e incutir nas mentes o vácuo de pensamento.

Nas últimas campanhas eleitorais, por exemplo, muitos candidatos, pegando carona neste vácuo, se utilizaram dessa narrativa, para intensificar um fio entre classes, regiões, etnias e gêneros. Se você se posiciona à esquerda, está fadado aos escárnios dos mais escrachados. Para isso bastaria passear na Avenida Paulista vestido de camiseta vermelha em dia de manifestação oposta. O mesmo se aplica a quem pensa à direita. O verde e amarelo de nossa bandeira transformou-se em uma cor da elite. O Hino Nacional passou a ser, como que, jargão de um lado só. Como pode isso?

Insistimos, para que nossos estudantes não entrem no coral dos que apenas papagueiam discursos prontos. O pior é quando tais discursos disseminam ódio simplesmente, porque o outro é diferente, é pobre, é negro, é índio, é migrante, é refugiado. Dos que frequentam nossas aulas, dos que têm a oportunidade de sentar nos bancos do ensino superior, o que ainda é privilégio de poucos em nosso país, esperamos façam a diferença neste mundo louco e tão carente da "caridade da verdade".

A nossa caridade se faz com a palavra. Para isso é preciso exercitar o pensamento. Este exercício se dá em sala de aula, nos livros, na solidão dos textos. Porém se dá especialmente na leitura do mundo. Ler o mundo é tocar a realidade, apalpá-la, senti-la. É ser capaz de viver a compaixão, a ternura. É ser capaz de viver os sentimentos humanos mais nobres, entre eles a gratidão.

A realidade é complexa. É tosco demais enxergar o mundo com o vício do binarismo. Há um horizonte aberto. A vida pode ser maravilhosa. Vamos ousar nesta aventura, com espírito crítico. Mas, sobretudo, com amor no coração. É isso que enche a existência de sentido. Avante, moçada! Mas sem este jargão do "acelera". A vida é para ser degustada, desaceleradamente!

FAPCOMUNICA

ANO 3 - NÚMERO 7 - DEZEMBRO DE 2016

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO
Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito
Pró-direção Acadêmica: Pe. Jakson Alencar
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda
Coord. curso de Jornalismo: Profª. Márcia Avanza

Conselho Editorial:
Profª. Alessandra Marassi
Prof. Claudenir Modolo Alves
Prof. Daniel Gonçalvez
Prof. Fernando Mariano
Prof. João Elias Nery
Prof. Tiago Casado
Prof. Vanderlei Postigo

Coord. de redação:
Profª. Fernanda Iarossi - Mtb 40.223
Projeto Gráfico e coord. de diagramação:
Prof. Maurício Gasparottto - Mtb 22.546
Revisão:
Prof. Claudio Fatigatti
Equipe de redação: alunos do
III Semestre de Jornalismo (matutino e noturno)
Equipe de diagramação: alunos do
V Semestre de Jornalismo (noturno)

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem: 4.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Refugiados têm local de discussão

Racismo, falta de moradia, emprego e acesso à saúde pautam as conversas

ARIEL FERNANDES
BRENDA DINIZ
ISABELLE DOS SANTOS

Mais de 8 mil refugiados no Brasil, de 79 nacionalidades diferentes, até abril de 2016, foram registrados pelo Conare (Comitê Nacional para Refugiados), órgão interministerial presidido pelo Ministério da Justiça. Entre os principais grupos, estão naturais da Síria (2.298), Angola (1.420) e Palestina (376). Só o Sudeste reúne 31% deste total.

Um exemplo é Ahmad Hajir, sírio de 18 anos, há um ano e dois meses no Brasil. Veio com os pais e cinco irmãos. Ele e o mais velho, de 20 anos, são os únicos que trabalham para manter a família. "Conseguir o visto para o Brasil é mais fácil do que para Europa, por isso viemos para cá", explica. Ele trabalha no restaurante Al Janiah, no centro de São Paulo, que também funciona como espaço de debates e troca de experiências sociais e culturais entre os refugiados e imigrantes das diversas nacionalidades.

Arturo Hartmann, de 35 anos, jornalista com experiência na cobertura da questão Palestina, ressalta a importância do lugar não apenas como empreendimento, mas como centro de conscientização da causa dos conflitos internacionais.

O espaço Al Janiah, definido como "um bar em função da luta política", é cuidado por Hasan Zarif, de 42 anos. Nascido no Brasil, os pais vieram para cá refugiados nos anos de 1960. Ele explica que, apesar da militância pela causa, o movimento não se desvincula das questões políticas nem das reivindicações feitas pelos brasileiros. "A polícia que mata nas periferias do Brasil é a mesma que mata em Israel, por exemplo", comenta.

Problemas sociais

Segundo Hasan, os problemas enfrentados pelos refugiados no Brasil estão ligados aos problemas sociais vividos pelos brasileiros, como racismo, falta de moradia, acesso à saúde e a um emprego.

Dificuldades enfrentadas pelo camaronês Emmanue Tailor, de 37 anos, que chegou ao Brasil em 2014, e desde então vive em albergues e trabalha na Rua do Glicério, no bairro da Liberdade. Ali é possível notar grande concentração de refugiados em comércios ambulantes, principalmente haitianos e oriundos de alguns países da África.

Emmanue diz não ter o mínimo de assistência para coisas básicas. "Entreguei centenas de currículos e consegui uma entrevista para trabalhar em um hospital como faxineiro, mas não tive retorno". A principal reclamação dele é sobre o racismo.

A condição à qual ele se encontra faz com que esteja vulnerável à exploração de terceiros. Ele conta que já realizou trabalhos e não foi pago e que, cansado da lotação e desorganização dos albergues, deu dinheiro adiantado a um homem, para que alugasse uma casa. Todavia, este não lhe deu mais satisfações, o que o obrigou a continuar na mesma situação. "O Brasil diz que o imigrante que vem para cá é brasileiro também, mas é só da boca para fora", reclama.

Ariel Fernandes



Fachada do restaurante Al Janiah, localizado no centro de São Paulo, "um bar em função da luta política", cuidado por Hasan Zarif, de 42 anos, palestino nascido no Brasil

Para Hasan, a troca de experiências entre refugiados pode trazer à tona problemas específicos como preconceito de raça, cor, evidenciando a complexidade das problemáticas para além da questão do refúgio. "Se você falar com um africano, ele vai poder dizer melhor do que eu que a questão aqui no Brasil não é só a marginalização pelo fato de ser refugiado, implica também o fator racial", diz.

Por isso, ele defende a inclusão para além de políticas assistencialistas e aponta que a melhor forma é a organização dos refugiados em prol de uma expressão mais autônoma, o que garante de fato a cidadania. "A pessoa que chega aqui não quer só uma cesta básica. Ela pode querer agora, para sobrevivência, mas o que quer mesmo é emprego, moradia e viver com dignidade", aponta.

Comida e acolhida dos brasileiros encantam estrangeiros

SAMUEL OLIVEIRA

Não é só futebol, samba e mulher bonita. Três estrangeiros, vindos do Irã e da Espanha, desmistificam estereótipos ao relatarem sua experiência no Brasil. Através do trabalho voluntário em instituições não governamentais, os gringos promovem o desenvolvimento social e ainda têm a oportunidade de conhecer a rotina de vida brasileira.

O estudante iraniano Siavash Tavana, 23 anos, diz que todas as suas expectativas de Brasil, desde lugares bonitos até pessoas calorosas e solidárias, tornaram-se reais. "Eu conheci muitos parques e praias lindas e também brasileiros muito amáveis", destaca. O iraniano deixou seu país por 45 dias, junto de sua namorada Sepideh Faghini, estudante, 22 anos, iraniana, e ambos vieram a São Paulo em busca de uma experiência de voluntariado, organizada pela agência AIESEC, na instituição social ProBrasil – ONG na zona Sul de São Paulo que promove o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens carentes.

Samuel Oliveira



Os iranianos Sepideh e Siavash com as crianças e voluntários da instituição ProBrasil

Entre os pontos fortes destacados pelo estudante estão a receptividade, ajuda e alegria do povo brasileiro que, segundo ele, fizeram toda a diferença em sua estada. "Eu espero que um dia as pessoas em meu país sejam tão alegres quanto os brasileiros são e encarem a vida de maneira mais leve, mesmo diante de problemas". Siavash aponta que a principal diferença entre Brasil e sua terra natal, além da culinária – que não envolve feijão todos os dias - e da arquitetura, são as regras de trânsito para motoristas e pedestres. Em seu país, não são obedecidas.

A estudante espanhola Ana Medrano, 23 anos, que deixou temporariamente seu emprego e faculdade em Andalúcia, tem impressão parecida. Ela diz que moraria no Brasil, pois a vida aqui é melhor vivida, a comida é mais saborosa e as pessoas são mais verdadeiras e humanas.

Assim como Siavash e Sepideh, Ana veio como voluntária pela Associação Comunitária Pequeno Príncipe, na comunidade do Jardim dos Álamos, na zona sul de São Paulo. "Eu conhecia o Brasil como um país não seguro em algumas partes, com samba por tudo quanto é lugar e pessoas encantadoras. Agora que estou aqui, vejo o quão fascinante é o país, com uma cultura linda e de grande diversidade, cheio de pessoas calorosas, trabalhadoras e que lutam para ter o que querem". Segundo ela, citando as diferenças entre Espanha e Brasil, além da cultura, os brasileiros são mais acolhedores, mais solidários e de educação e valores invejáveis.

Poemas são vendidos para financiar projetos sociais

Voluntários de ONG levam animação e bom humor para hospitais, asilos, orfanatos e abrigos da capital

JOYCE ISHIKAWA

Joyce Ishikawa



ONG "sobrevive" da venda de cartões com poemas

Jovens vestidos de palhaços, em São Paulo, vendem aos pedestres e usuários do transporte coletivo cartões com poemas, a R$ 3. A ação não é um espetáculo ou show ao ar livre ou em torno das estações de trem e metrô. É para arrecadar dinheiro para a ONG "Mensageiros da Alegria", o que sustenta as ações em hospitais, asilos, orfanatos e abrigos da capital - fundada em 1995, tem como objetivo criar ações lúdicas a fim de distrair e ajudar crianças e idosos,levando arte e cultura em forma de teatro.

Segundo o coordenador da ONG, Paulo da Silva, 27 anos, o dinheiro obtido com esta iniciativa é a única fonte de renda da organização, que é revertido em tinta, bexiga, figurino e aluguel do escritório (onde ele e uma secretária ficam e também são guardados estes itens). Paulo ainda conta que os Mensageiros, geralmente, vão até a este local para se maquiar e depois cada um segue o seu caminho. "Eles costumam abordar no Brás, em Itaquera, no Centro de São Paulo e em outros pontos comerciais", diz.

Para o voluntário André Oliveira, 19 anos, o projeto é importante tanto para ter um contato mais próximo das pessoas que precisam de ajuda, quanto para entreter e animar quem passa com pressa pela rua. "Acho que todos precisam de um momento de bom humor, não só os doentes. Por isso, também gosto de fazer o trabalho da divulgação, para levar alegria onde for", explica o jovem que atua na ONG há dois meses.

Há também os que se arriscam a vender nos transportes públicos da cidade, mas o coordenador destaca que esta forma de venda, por ser ilegal, é feita sem permissão dele e dos fundadores. A recomendação é oferecer os cartões nos lugares públicos em torno de trens e metrôs, para evitar problemas legais. "Os voluntários são teimosos, mas a maioria costuma fazer as abordagens pelas ruas", comenta.

Segundo André, que costuma vender entre 20 e 30 unidades por dia, comercializar nos trens é um risco muito grande. "Muitas vezes, funcionários do Metrô e CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) não tomam só os cartões, mas o dinheiro também e, quando isso acontece, temos que arcar com o prejuízo, por isso, prefiro trabalhar na rua", conta.

A dona de casa Ofídia Elói, 52 anos, elogia o projeto e, por isso, fez questão de contribuir com a causa. "Essa iniciativa é maravilhosa, eles estão de parabéns, comprei só um porque não tinha mais dinheiro. Se pudesse, compraria mais", afirma.

A ideia inusitada de fazer os cartões veio dos próprios fundadores. "Um deles, Krishnamurti Abreu, sempre gostou de escrever poesias, e como era difícil patrocínio do governo ou de empresas privadas, decidiu produzi-los", conta Paulo.

Medicina humanizada

A ideia de criar a ONG veio de Arlete Lopes, uma das fundadoras, que se inspirou no oncologista americano Patch Adams. O médico foi um dos pioneiros na área de medicina humanizada que, há 40 anos, desenvolveu um método inusitado de trabalhar, fantasiado de palhaço e contar piadas para seus pacientes, para criar um ambiente mais agradável. Esta metodologia vem ganhando tantos adeptos que foi até objeto de estudo do Hospital Infantil Burlo Garofolo, na Itália, que concluiu que a visita de palhaços em ambiente hospitalar faz grande diferença para os enfermos.

Horta comunitária garante alimentos e renda a moradores da Zona Leste

ONG incentiva plantação em áreas desocupadas na cidade

LUIS ANTONIO

Luis Antonio



Genival, 67 anos (à esquerda), e José Augusto, 52 anos, na hora comunitária em São Mateus

Debaixo das linhas de transmissão de energia da Eletropaulo, na região de São Mateus, zona leste da capital, o agricultor urbano Genival da Silva, de 67 anos, divide a terra com a enxada em uma plantação de alface americana, que garante comida na mesa de sua família e rende uma remuneração extra. A área lembra muito o interior, onde é comum encontrar plantações de hortaliças e outras variedades de alimentos.

O metalúrgico José Augusto, de 52 anos, faz bico, uma vez na semana, na mesma horta para complementar seus ganhos. "Trabalho na metalúrgica, aqui do lado, há 30 anos, e aqui estava abandonado. Aí, o Genival chegou e começou a trabalhar. Quem é da roça, não esquece", diz.

Esta é uma das 25 hortas montadas pela iniciativa da ONG "Cidades sem Fome", fundada em 2004, por Hans Dieter Temp, de 51 anos. A iniciativa beneficia 115 agricultores urbanos e suas famílias em toda cidade de São Paulo, seja pelo consumo destes alimentos, como o sonho de montar um próprio negócio. O propósito do projeto "Hortas Comunitárias" é integrar pessoas que estão fora do mercado de trabalho, tendo ou não vivência com a terra, a usar estes espaços públicos, dando oportunidade de trabalho, qualificação e renda, como é o caso do Genival e de José Augusto. Como não tem parceria com os órgãos públicos, a ONG busca com as empresas privadas, conta com apoio de doadores ou participa de concursos para captação de recursos para arrumar o espaço e a compra dos materiais para a montagem da horta. Também atua em Cidade Tiradentes, Itaquera e São Miguel. Desenvolve projetos na área de sustentabilidade e ocupação dos espaços ociosos na cidade de São Paulo e no sul do Brasil, como hortas escolares, estufas agrícolas com materias alternativos e de baixos custos.

"Um dia, meu filho, que é advogado, me ligou porque viu uma matéria na TV e me disse: 'Pai, tem um homem que pode ajudar o senhor. É da ONG Cidade sem Fome. Aceita que eu entre em contato?' E deu certo", explica Genival.

Hans comenta que a ideia veio a partir da observação das áreas não ocupadas ou não construídas da zona leste da cidade, que abriga mais de três milhões de pessoas. A primeira horta foi criada no Jardim Laranjeiras, na região do Iguatemi, hoje desapropriada, como a montada debaixo das linhas de transmissão de energia da Eletropaulo. "A gente usa a temática para favorecer pessoas mais pobres. E a Zona Leste é considerada como uma cidade dormitório. Uma grande parte destas pessoas que vivem nesta região são mal preparadas para o mercado de trabalho e, tem pouco emprego", conta. Outro fator é a idade avançada da maioria da população, normalmente sem auxílio governamental ou convênio, mas com conhecimento da terra, são os grandes atores que contribuem neste processo de inclusão social.

Universitários usam tempo livre em ações voluntárias

Jovens nos finais de semana ajudam pessoas necessitadas

ADRIANA XAVIER
JOYCE ISHIKAWA

Apenas 11% dos mais de 204 milhões de brasileiros praticam trabalhos voluntários continuamente, de acordo com levantamento do Datafolha de 2014. Entre as principais justificativas, estão a falta de tempo e os desconhecimento de como instituições, como ONGs e entidades sociais, atuam ou funcionam.

Contrariando esta estatística, alunos da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) fazem parte da pequena porcentagem da população que desenvolve ações sociais que impactam diferentes pessoas. Tem quem ajude com comida, na construção de moradias, na diversão de crianças e na orientação espiritual.

Fotos: Adriana Xavier e Joyce Ishikawa



Analee Costa, 21 anos - Projeto Café dos Amigos
Todo segundo sábado do mês, a assistente de mídias sociais, que cursa Publicidade e Propaganda, e um grupo de amigos levam café, pães, roupas e kit higiene para os moradores de rua. Hoje, eles atuam com duas rotas, uma no centro de Diadema e Paulicéia e outra no sentido do Jabaquara.

Como começou?
"Descobri o Café dos Amigos através do meu melhor amigo, que hoje é meu namorado. Quando conheci o projeto, não se chamava assim. Ele e o primo organizavam e entregavam 70 pães, leite com café e chocolate na rota que chamamos hoje de "rota 1". Comecei a ajudar e me apaixonei de cara pelo projeto. O sentimento que me dá do começo ao fim da ação é inexplicável. Aos poucos, o Café cresceu. Escolhemos o nome, criamos a página no Facebook e fui convidada para ser uma das coordenadoras. Hoje, o Café tem oito coordenadores e entrega 370 pães, mais de 20 litros de leite, 170 kits higiene e roupas.



Karina Caló da Fonseca, 21 anos - ONG Teto
A estudante de Relações Públicas e microempresário atua na ONG Teto, organização internacional presente na América Latina e Caribe e há 10 anos está no Brasil. A sua principal atividade é a construção de casas para a população carente. Também promove a educação de crianças com oficinas de leitura, formação de lideranças comunitárias com envolvimento de comunidades em projetos de melhoria para seus bairros.

Qual a sua função?
"Eu sou voluntária na comunidade Pedra Branca em Guaianazes. A minha equipe conversa com os moradores locais para ver qual o projeto necessário para eles de acordo com a demanda. A ONG não chega e faz algo de cara. Nós trabalhamos junto com a comunidade, tanto na construção das casas quanto em reuniões periódicas para mapear as necessidades da região atendida."



Stephanie Caroline Nogueira, 18 anos – Projeto Montanhão
Profissão: Fotógrafa
Curso: Fotografia
A estudante de Fotografia criou o Projeto Montanhão para arrecadar roupas e brinquedos para presentear, no natal, as crianças de 0 a 13 anos da comunidade do mesmo nome em São Bernardo do Campo.

Como começou projeto?
"Começou há dois meses, quando meu pai morava em uma comunidade no Montanhão. Percebia que não havia nenhum projeto para dar brinquedos para as crianças no natal. Comentava isso com meu pai e sempre me apoiou. Mas, há dois meses, ele faleceu e eu quis continuar com o projeto. Conversei com os moradores, que me incentivaram a seguir com o projeto. Com isso, foram (serão) realizadas três reuniões: a primeira foi para fazer a ficha do pessoal que vai receber os presentes, a segunda etapa será com as crianças para fazer atividades recreativas e a terceira, a entrega dos presentes no dia 18 de dezembro."



Bruna de Moraes Scopel, 20 anos - Treinamento de Liderança Cristã
A estagiária, que cursa Jornalismo, participa do movimento Treinamento de Liderança Cristã, ligado à Igreja Católica. O trabalho é direcionado para pessoas com problemas na família e dependentes químicos. Ela é coordenadora do movimento. Nos retiros que fazem, cuida desde a alimentação ao monitoramento de quartos e palestras.

O que mudou ao participar na ONG?
"Não acho que isso me faça uma pessoa melhor, mas isso me ensina muito. Muito do que eu aprendi como ser humano e profissional se deu por causa do movimento. Comecei aos 14 anos, meu amadurecimento também aconteceu ali dentro simultaneamente com outras coisas na minha vida."



Angelo Salvioni, 22 anos - ONG Sonhar Acordado
O estudante de Jornalismo, estagiário no departamento de comunicação em um time de futebol, é voluntário na ONG Sonhar Acordado, que possui várias sedes pelo Brasil e lida em sua maioria com crianças e adolescentes. Além disso, a entidade realiza programas contínuos e festas, com distribuição de presentes e brincadeiras.

O que incentivou você a fazer isso?
"O apoio dos meus amigos foi essencial. O princípio disso é propiciar o bem ao próximo em qualquer situação.
O retorno que você tem sem ser uma coisa obrigatória é exatamente esse: você acaba absorvendo as energias boas e se tornando uma pessoa muito melhor."



Tatiane Gonsales, 23 anos - ONG Cidadão Pró Mundo
A jornalista, formada pela FAPCOM, em 2014. Atua como volunteacher, professora voluntária que ensina o idioma inglês, da ONG Cidadão Pró Mundo, localizada no Monte Azul. A ideia da organização é espalhar a educação através do ensino da língua inglesa em escolas das comunidades que disponibilizam o espaço aos finais de semana para eles darem aula.

Por que fazer trabalho voluntário?
"Desde nova sempre gostei muito de ajudar os outros. Curtia fazer grupos de estudo e fiz parte de um voluntariado em que trabalhava com o entretenimento de crianças em uma creche. É maravilhoso poder doar-se por um bem maior, por alguém que precisa de você e que, com simples atitudes suas, tem uma vida transformada para melhor."

Consumo consciente na rede social

Grupos no Facebook fortalecem formas de economia criativa com produtos feitos a mão; movimento "Compro de Quem faz" ganha mais na internet

TEREZA AMABILE

Idealizado pela rede social de lojas virtuais Tanlup, o movimento Compro de Quem Faz (CDQF) é uma iniciativa online para fortalecer o mercado independente de artistas e artesãos. Incentivando artigos feitos a mão, apoia o consumo alternativo através de contato direto com os produtores de uma forma mais local e sustentável. A partir da ideia, grupos no Facebook surgiram com a intenção de reunir vendedores e compradores de produtos artesanais. Separados principalmente por região, hoje em dia, existem mais de 70 grupos denominados "Compro de Quem Faz" via a rede social.

Criado em 2013, o movimento já reúne cerca de 50 mil pessoas em sua página no Facebook. No site (www.comprodequemfaz.com.br), há várias formas de apoiar a causa e recomendações de como fazer parte.

Proprietária de duas lojas virtuais - Kumbayá de produtos naturais e Gaya de assessórios artesanais -, Livia Barros, 19 anos, começou a produzir porque precisava de dinheiro e não podia trabalhar, pois estudava em tempo integral. "Tento fortalecer ao máximo as pessoas que lutam todos os dias para ganhar uns trocados de forma orgânica", relata.

Livia diz conseguir bastante divulgação pelas redes. Por não ter a quantia necessária para abrir uma loja física, a alternativa de venda online é o que faz seu empreendimento funcionar. No grupo, apesar de raros, em alguns momentos presencia certa desvalorização dos trabalhos, em questão de consumidores que pechincham ou vendedores que não respeitam prazos, mas no geral, gosta bastante de participar. "As pessoas se ajudam. Quando alguém publica que quer alguma coisa, muita gente recomenda e divulga". Preocupada com a sustentabilidade de seu negócio, Livia reutiliza os papéis utilizados nas embalagens para fazer a divulgação em bazares e feiras. Para isso, criou um carimbo que serve de alternativa aos cartões de visitas. "Acho legal [os cartões] pela divulgação, mas é muito papel que existe no lixo, inclusive os outros que eu mesma produzo. Para quê colocar mais, né?".

Cael Horta, 26, é dona da agência de comunicação Mandacaru que atende pequenas e médias empresas com potencial de crescimento, mas não possuem dinheiro para contratar uma grande empresa deste ramo. Filha de uma artista plástica e neta de artesã, diz que sempre se interessou por trabalhos manuais por se encaixarem melhor ao seu estilo de vida e seus gostos. Apesar da concorrência que encontra, diz que através das redes sociais tem a oportunidade de adquirir contatos essenciais para o pequeno negócio. Usa os grupos no Facebook para divulgar seus produtos e, segundo ela, foi o que realmente consolidou suas vendas. "O que antes era uma expectativa, um plano, se tornou realidade. Posso dizer que 80% das minhas vendas foram feitas por lá", conta.

Apesar de sua produção ser virtual, Cael trabalha somente com quem produz manualmente e, sempre que pode, aconselha as pessoas a pararem de adquirir de grandes marcas. "Consumir produtos artesanais coloca você em contato com a sua natureza, à frente das suas escolhas, estimula a economia, empatia", defende.

Divulgação



O movimento Compro de Quem Faz (CDQF) ganha fôlego via rede social

Aplicativos e sites promovem mudanças sustentáveis no Brasil

Produtos digitais impulsionam campanhas que ajudam a conservar bens naturais

Yara Nunes



Plantio promovido pela Inspiração Positiva – iniciativa digital que incentiva ações concretas junto à natureza

YARA NUNES

Quem procura ajudar o meio ambiente pode recorrer a iniciativas digitais, como as versões de aplicativos, sites e blogs que produzem conteúdo relevante e promovem ações práticas para beneficiar o meio ambiente em todo mundo. Aqui no Brasil essa realidade não é diferente. Tem aplicativo que melhora o trânsito, muda os hábitos de consumo e a maneira como as pessoas se relacionam com o planeta.

Um exemplo é o aplicativo (app) brasileiro e gratuito: Plant.ai, para Android, ganhador da premiação de projeto inovador na Campus Party de 2014. Ele tem como principal objetivo promover marcas e plantar árvores. A empresa cadastrada no app disponibiliza promoções de produtos e serviços através da plataforma. Os clientes desses estabelecimentos e as empresas recebem um QR CODE (código de barras em 2D que pode ser escaneado por celulares que têm câmera fotográfica) e podem compartilhar a promoção em seus perfis pessoais nas redes sociais. Esse compartilhamento gera pontos que serão transformados em árvores que serão plantadas por instituições ambientalistas, patrocinadas pelas lojas que fazem parte da rede do app. Segundo Hawston Pedrosa, fundador do aplicativo, eles têm parceria com a prefeitura local de Recife e ONGs, que são responsáveis pelo plantio efetivamente.

O site "Ecycle" também alimenta este universo. A reciclagem e o consumo de alimentos orgânicos são alguns dos temas mais recorrentes no site. Essa plataforma já recebeu o "Prêmio Jovem Brasileiro de Influenciador digital" na área de sustentabilidade, e é mantido através de um e-commerce de produtos que não prejudicam o meio ambiente.

O site "Inspiração Positiva" promove campanhas sustentáveis e incentiva o consumo consciente de seus leitores. Os dois sites buscam alertar e engajar as pessoas, através da produção de conteúdo online. "Hoje em dia começar um negócio digital é mais acessível e pode promover uma verdadeira transformação social, basta buscar pelas informações necessárias e trabalhar muito, para criar e manter um projeto solido e transformador", garante Rafael Fernandes sócio-fundador do site "Inspiração Positiva".

Outros aplicativos, como Bike Rio/Sampa e Bike Poa (disponíveis em iOS e Android), buscam reduzir o número de carros nas ruas. Eles dão acesso a uma rede de estações espalhadas pela cidade, onde é possível alugar uma bicicleta.

O aplicativo Good Guide, para iOS e Android, ajuda a fazer compras mais conscientes. No supermercado, o consumidor usa a câmera do celular para escanear o código de barras do produto. Na tela, aparece se contém substâncias nocivas, sua produção afeta o meio ambiente ou usa trabalho escravo.

Futebol americano no Brasil sofre com falta de patrocínio

Brasileiros já têm liga nacional; associação de arbitragem e mulheres começam a se organizar e praticar o esporte da bola oval

LAÍS OLIVEIRA

Fotos: Laís Oliveira



Parceria de grandes camisas do Brasil dão espaço ao futebol americano, apesar da falta de incentivo

O futebol americano ganhou grande destaque nos últimos anos, principalmente no Brasil, onde o número de telespectadores e fãs da Liga Nacional de Futebol Americano (NFL) aumentou e colocou os brasileiros como a segunda maior audiência da Liga fora dos Estados Unidos, ficando atrás apenas do México. Outro fator que desencadeou esse crescimento no número de seguidores e também praticantes é o envolvimento das grandes equipes do futebol brasileiro e suas torcidas, como em São Paulo (com Santos Tsunami, Lusa Lions, Palmeiras Locomotives e Corinthians Steamrollers) e no Rio de Janeiro (com Vasco da Gama Patriotas, Botafogo Reptiles e Flamengo F.A.)

Como o próprio nome já diz, o esporte foi criado e tem maior popularidade nos Estados Unidos, mas se nota cada dia mais adeptos fora do país. Sua modalidade Full Pad, caracterizada pelo contato, é a mais conhecida, e também tem outros traços marcantes, como os shoulder pads, que são os equipamentos que lembram armaduras, os capacetes, a bola oval e o que é a principal diferença para o "nosso" futebol, o próprio jogo que é realizado com as mãos. Com isso, despertou essa curiosidade dos latinos.



Sem incentivo e com paixão dos atletas envolvidos, futebol americano começa a ganhar o público brasileiro

A organização do esporte no Brasil fica por conta da Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA), reconhecida internacionalmente e responsável pelo principal campeonato da modalidade no país, a Superliga Nacional, que reúne 16 times. A maioria dos estados associados à confederação possuem sua própria liga ou órgão organizador, como, por exemplo, o estado de São Paulo, no qual a São Paulo Football League (SPFL) é a responsável pelas equipes e torneios.

A arbitragem

Criada por entusiastas, como diz o atual presidente Danilo Souza, mais conhecido como Smash, a Associação Paulista de Árbitros e Estatísticos de Futebol Americano (APAEFA) cuida e promove cursos e treinamentos da comissão de arbitragem. Apesar de apitar jogos por todo o país, ainda é uma organização estadual.

Giane Pessoa é uma das que fazem parte do quadro de árbitros e ministra alguns cursos. Ela começou a jogar Flag 5x5 (modalidade do futebol americano na qual não há contato) depois de indicação médica à pratica de exercícios devido a um problema na coluna e foi convidada por seu técnico a fazer um curso para aprender melhor as regras, desde então tornou-se árbitra.

O maior feito para Giane e para a APAEFA aconteceu esse ano, quando ela participou do mundial feminino de Flag 5x5 em Miami, tornando-se a primeira brasileira a apitar em uma competição internacional.

Cenário atual

Contudo, o esporte ainda não saiu do amadorismo, e, em muitos times, os atletas pagam para jogar, bancam viagens, equipamentos e outros custos que envolvem uma equipe. Nem mesmo o envolvimento com os clubes e algumas universidades geram algum tipo de renda. "Contamos apenas com o apoio do Santos Futebol Clube, que cede o Centro de Treinamento da base e parte do transporte para os jogos nos campeonatos. O clube é nosso parceiro. Temos direito de usar o nome e o escudo do Santos para a divulgação do Tsunami, mas não possuímos qualquer tipo de patrocinador ou apoiador financeiro no momento", conta Francisco Rocha, atleta do Santos Tsunami.

Nem sequer a Seleção Brasileira de Full Pad, popularmente conhecida como Brasil Onças, tem a verba e a quantidade de patrocinadores necessária para se manter. Em sua primeira participação em uma competição internacional, a Copa de Futebol Americano 2015, a equipe precisou fazer uma vaquinha na internet e procurar outros meios de arrecadar dinheiro para cobrir os custos da viagem.

Para o torcedor também é complicado, a falta de divulgação e transmissão afasta o público do esporte. "Eu acho que para popularizar o futebol americano no Brasil, precisava de mais exposição nas mídias convencionais (TV e rádio), com apoio desses meios, o crescimento do esporte seria maior e mais rápido. Hoje as divulgações são feitas via internet e boca a boca, tem funcionado, porém não é tão eficiente, não é fácil saber o que acontece e os campeonatos que estão rolando", afirma André Stegun, fã do esporte e hoje participante da comissão técnica do Santos Tsunami.

As mulheres

Equipes femininas estão buscando o vínculo com a CBFA.

A Liga Feminina de Futebol Americano (LIFEFA) surgiu em 2013 e, segundo a presidente Marcelle Eloy, é uma organização sem fins lucrativos que funciona como elo entre os times e busca incentivar a formação de novas equipes. Hoje conta com quatro associados (Cariocas e Vasco do Rio de Janeiro, Corinthians de São Paulo e Alfa do Sergipe), e por conta do pequeno número, apenas um campeonato de modalidade Full Pad, o Torneio End Zone (TZE).

Skate nas Olímpicas divide opiniões

Skatistas apostam em maior visibilidade, mas temem a perda da essência da prática

CAIO LENCIONI
MATEUS SILVEIRA

O anúncio do Comitê Olímpico Internacional (COI), no dia 3 de agosto, do skate como um dos novos esportes para as Olimpíadas de 2020, em Tóquio, vem dividindo opiniões entre profissionais que sobrevivem do esporte e amantes que o praticam apenas como estilo de vida. De acordo com a Confederação Brasileira de Skate (CBSk), hoje são cerca de 8,5 milhões de skatistas só no Brasil. O número no país mais que dobrou em sete anos (em 2009, eram cerca de 4 milhões de praticantes). O paulista Renan Ferreira, 31 anos e skatista há 15, levanta dúvida quanto à organização desta modalidade na competição. "Está tudo escuro ainda, não dá para imaginar como vai ser".

Ainda não se sabe quais modalidades estarão presentes nos jogos, muito se fala do que é comum nos campeonatos: o street, skate de rua com obstáculos urbanos e o vertical, praticado em rampas. Para Herniogenes Dias, 28, skatista desde os nove anos e que vive disso, o cenário também é incerto. "Não quer dizer que o skate vai ficar. Vai ser um teste, e eu espero que dê certo", completa Mike, como é conhecido.

Em todos os campeonatos, os skatistas não são obrigados a usarem roupa padrão ou equipamentos de segurança, como, joelheiras, cotoveleiras e capacete (exceto no X Games, que é obrigatório). E nas Olimpíadas, quais seriam as exigências do COI? Padronizar as vestimentas, uniformizando os skatistas? Renan critica: "Já imaginou entrar os skatistas todos uniformizados? Isso é contra o que é o skate, que simplesmente é ser quem você é!". Ele explica que não há um padrão igual ao futebol, por exemplo, em que o atleta tem que usar camisa, calção, meião e caneleira. Nas rampas, alguns preferem andar de bermuda, outros com a calça larga ou apertada.

Fotos: Mateus Silveira



Mike Dias afirma que a inclusão do skate nas Olimpíadas vai trazer visibilidade ao esporte

A figura do treinador

Outra questão levantada é de como as Olímpiadas influenciarão na vida dos jovens atletas. A maioria dos praticantes (36%) têm idade entre 11 e 15 anos, segundo a CBSk, seguida por crianças de até 10 anos (26%). "Nas Olimpíadas, espero que não tenha um treinador ali fora sufocando para você trazer uma medalha, dizendo o que tem que comer, horário de treinos", comenta Mike.

Marcas e patrocínios

Os patrocinadores olímpicos são os únicos que podem expor sua marca nos estádios e os atletas sempre têm seus uniformes "lisos". Renan acrescenta que essa postura do COI pode acabar gerando mal-estar entre os praticantes, uma vez que os skatistas sempre competem com camisetas, bonés e tênis, carregando seus próprios patrocinadores e investidores durante toda a carreira.

A grande aposta brasileira

O skatista Luan de Oliveira conseguiu o primeiro lugar no Street League de 2015 e é uma das referências do skate brasileiro, assim como a atleta Letícia Bufoni, que também alcançou o primeiro lugar do campeonato na modalidade feminina. Além do skate, beisebol/softbol, karatê, escalada esportiva e o surf foram incluídos nos jogos Olímpicos de Tóquio.



Humor e esporte são sucesso no rádio

Conteúdo humorístico na cobertura esportiva inspira programas, como o "Falta de Quarta"

LAÍS OLIVEIRA
MATEUS SILVEIRA

Um bate-papo descontraído que lembra a conversa de bar. Ex-atletas como analistas e comentários constantes nas redes sociais dividem os estúdios e as bancadas dos programas esportivos no rádio e na televisão com os tradicionais narradores com a fala cadenciada pelo ritmo da bola e os jornalistas especializados. Esta tendência na cobertura esportiva também se reflete nas produções acadêmicas que simulam os programas comerciais. É daí que vem a inspiração para o Falta de Quarta, transmitido ao vivo, às quartas-feiras na Rádio FAPCOM. "A gente consegue separar e deixar claro os momentos que estamos brincando", conta Guilherme Guidetti, um dos apresentadores do programa universitário. Com Rafael Costa, respectivamente do 7º semestre de Jornalismo e Rádio, TV e Internet, os estudantes apresentam um conteúdo mais leve e engraçado, mas sem perder o cunho informativo, ou seja, é informal, sem enfraquecer a transmissão da notícia via internet.

Entre os programas radiofônicos nesse formato, há o Estádio 97, criado em 1999 e que foi um dos pioneiros nesse novo estilo e hoje é inspiração para jornalistas e boleiros de plantão nos meios de comunicação tradicionais e na web. A atração caracteriza-se pela discussão estilo 'mesa de bar', onde diversas pessoas sentam e discutem futebol, sendo eles torcedores de times rivais. "Eu tento sempre pegar algumas coisas do Estádio 97 e trazer para o Falta de Quarta, mas a nossa diferença para eles é que lá têm sete pessoas, existe um debate, já no Falta tem o Rafael, eu e o convidado, então difere um pouco", conta Guilherme.

Lançado em março de 2016, no "Falta de Quarta", os âncoras debatem, durante quase uma hora de programa, sobre futebol nacional e internacional, automobilismo e os campeonatos da própria faculdade (como o torneio Fapcom Champions League, evento semestral, organizado por alunos), contando sempre com um aluno ou professor como convidado para comentar, sempre buscando o bate-papo informal com humor.

A iniciativa partiu do coordenador do curso de Rádio, TV e Internet da FAPCOM, professor Fernando Mariano. "Ele tinha essa vontade de fazer um programa ao vivo e depois de seis meses nos convidou para participar. O intuito era envolver mais os universitários, falar sobre os projetos da faculdade, o campeonato de futebol e comentar sobre esporte, para os alunos participarem", diz Rafael.

Ainda tem tradição

Apesar do formato apresentar altos índices de adesão dos veículos e boa receptividade do público, ainda existem grandes emissoras e rádios universitárias que preferem manter o tradicionalismo., como, por exemplo, o programa "Preleção" da Rádio UNITAU FM vinculada à Universidade de Taubaté.

Desenvolvido pelo âncora Rafael Citro, em 2009, como atividade extracurricular, o Preleção vai ao ar por uma hora diária, de segunda a sexta e hoje conta com um conteúdo inteiramente voltado ao esporte taubateano. "O programa foi criado porque o esporte é pouco debatido em Taubaté, apesar da enorme tradição da cidade nas competições", diz Caio Nascimento, também apresentador e que participa do programa desde 2013.

O jeito mais tradicional vem da modalidade educativa da rádio e da bagagem dos apresentadores, formados em jornalismo, que cresceram escutando rádio e se inspiram em grandes ícones. "Meu maior ídolo sempre foi o Paulo Vinicius Coelho, mesmo ele sendo da TV e do impresso. Além dele sempre gostei do Cláudio Zaidan, homem do rádio clássico, do Mauro Beting, além dos narradores, como Nilson César, Ricardo Alcântara (Difusora Taubaté) e do Oscar Ulisses", afirma Caio.

Quando o assunto é o uso do humor como artifício para aproximar o público, descontrair o conteúdo e ganhar audiência, Caio alerta: "É preciso ter muito cuidado, mas especialmente a sensibilidade para usar o humor a seu favor e a favor do programa" e reforça que eles utilizam do recurso, porém de maneira moderada, para que não se perca o foco do assunto principal.

Homens também podem sofrer com câncer de mama

Eles esperam até 18 meses após o início dos sintomas para procurar médico

DANIELA DOMINGUES
NATALY OLIVEIRA

Que o câncer pode ser considerado a "doença do século" não restam dúvidas. Mas é preciso atentar-se não só aos casos mais recorrentes como também aos mais raros, como o câncer de mama em homens. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (Inca), quase 58 mil novos casos da doença em homens e mulheres devem ser registrados em 2016.

Segundo o médico oncologista e presidente do Conselho Científico da Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama (Femama), Ricardo Camponero, há por volta de 680 casos de câncer de mama em homens por ano no Brasil. "Geralmente, estão associados a mutações familiares no BRCA1 ou BRCA2, genes responsáveis por impedir o surgimento de tumores através da reparação de moléculas de DNA danificadas", diz.

Quanto aos sintomas, a coordenadora da Unidade da Mulher do Hospital Samaritano, Carla Benetti, explica que são parecidos com os das mulheres: na maioria dos casos, os homens percebem um nódulo palpável na mama, dores no mamilo, inversão do mamilo ou secreção papilar. De acordo com a médica radiologista, é muito comum os homens demorarem mais que as mulheres para procurar um especialista. "Estudos mostram que homens podem esperar até cerca de 18 meses após o início dos sintomas para recorrerem ao médico. No entanto, o ideal é que o médico seja consultado assim que os sintomas aparecerem, uma vez que o 'diagnóstico precoce é a chave do sucesso do tratamento".

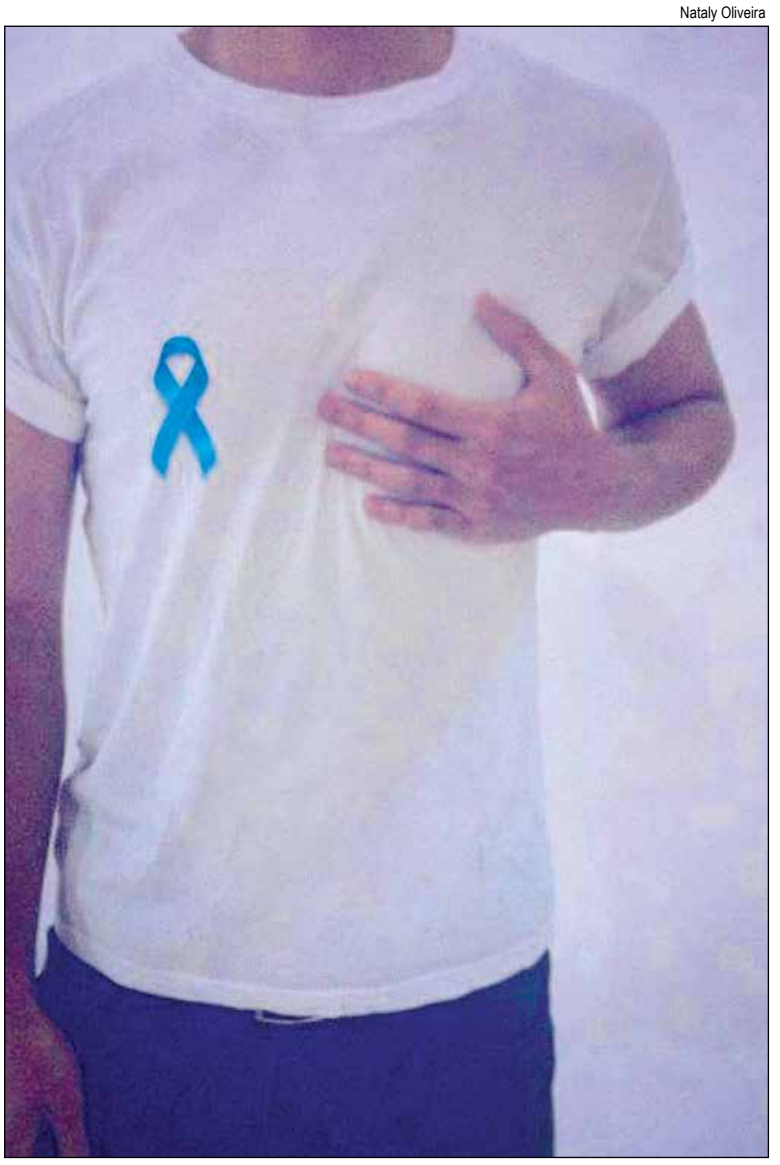
Cuidados e recursos

Assim como as mulheres, homens podem e devem fazer mamografia, ultrassonografia das mamas e até mesmo biópsias para confirmação de diagnóstico. No entanto, diferentemente delas, estes são exames diagnósticos e não de prevenção, realizados apenas com a presença dos sintomas. E a demora ao procurar um médico diminui as chances de cura.

O tratamento pode incluir cirurgia e até mesmo quimioterapia, radioterapia e terapia hormonal a depender do caso. "O tipo de terapia a ser adotada depende de uma série de fatores tais como tamanho, localização da lesão e estágio da doença", comenta Carla.

Camonero também recomenda procurar ajuda médica assim que for percebido qualquer sintoma. "Pode ser um clínico geral, oncologista ou até mesmo um mastologista", indica. Na dúvida, um clínico geral pode encaminhar para a realização dos exames e a um médico especializado na doença.

Nataly Oliveira



Nódulo na mama é o principal sintoma da doença em ambos os sexos

Atendimento fora dos padrões tradicionais

Coletivo Sexualidade e Saúde têm médicas sem jaleco e ambulatório mais acolhedor

BEATRIZ JORDAN

Localizado na Zona Oeste da capital paulista, mais especificamente na Rua Bartolomeu Zunega, 44, o espaço respira acolhimento e feminismo, embora, atualmente, receba homens e crianças.

O ambulatório foi fundado em 1984, por Maria José de Oliveira Araújo inspirada pela experiência que teve no Dispensaire des Femmes, em Genebra. A partir daí o Coletivo Saúde e Sexualidade, que já existia, desde 1981, sem local físico, passou a promover atendimentos a mulheres e se auto capacitar num processo de formação que incluía desde exercícios práticos até discussões acerca das questões que envolviam a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

Para Luiza Cadioli, 28 anos, médica ginecologista que atua no Coletivo, é importante pensar o ambulatório pelo viés feminista. "A mulher, historicamente, teve sempre seu corpo visto como ferramenta de estudo e cobaia, se sentindo violentada em muitos atendimentos."

Em maio de 2016, o site Catraca Livre realizou uma pesquisa com 700 mulheres e dessas mais 300 afirmaram já ter sofrido algum tipo de abuso sexual ou moral em consultas.

Na contramão da pesquisa, o ambulatório dispõe de um clima intimista e acolhedor. As médicas não utilizam jalecos ou nomenclaturas, o que propicia, além de um ambiente mais horizontal, um atendimento mais humano.

É o que Érica Assayad, 25 anos, tornou público em seu relato que foi compartilhado por mais de 4.000 usuárias do Facebook. "O assunto foi ficando ginecológico, mas como se fosse entre amigas num café da tarde."

Hoje, além dos atendimentos voltados à mulher, também são oferecidas consultas voltadas a adultos e crianças de todos os gêneros a partir do trabalho da equipe de médicos de família. Há também atividades como grupos de parteiras, grupo reflexivo para homens autuados pela Lei Maria da Penha, atendimentos com psicoterapeutas e psiquiatras.

O espaço se mantém de maneira autonôma, não possui incentivos do governo ou de empresas privadas. As consultas são cobradas, mas quem não pode pagar não fica de fora. Por meio dos atendimentos sociais, pacientes em vulnerabilidade social recebem descontos ou a gratuidade das consultas.

Medicina suave

Buscanco fugir do modelo médico clássico da ginecologia-obstetrícia. são oferecidos tratamentos naturais e menos agressivos nas áreas de ginecologia e obstetrícia, pré-natal, consultoria em amamentação, acolhimento de gravidez indesejada, orientação de métodos contraceptivos, preparação e planejamento para o parto domiciliar.

Beatriz Jordan



Ambiente acolhedor garante atendimento humanizado

Esperança contra a rinite alérgica

Pesquisa brasileira pode ajudar quase 25% da população que sofre com os sintomas

ADRIANA XAVIER

Coceira no nariz, secreção e espirros são alguns dos sintomas de quem sofre com rinite alérgica. E todos eles podem ser reduzidos em até 80% com a nova vacina desenvolvida na Faculdade de Medicina de Jundiaí, no interior de São Paulo e disponibilizada no mercado em 2016. A novidade pode ajudar a mudar a realidade de 15% a 25% da população, que sofre de doenças alérgicas, como asma e rinite, causadas por poeiras, fungos, pelos de animais e poluição.

Segundo Gustavo Trindade Mury, otorrinolaringologista especialista em rinite do Hospital CEMA, especializado em olhos, ouvidos, nariz e garganta, o tratamento com vacinas, a imunoterapia, é eficaz. "Mas funciona somente em pacientes com rinite alérgica, e não com outros tipos de rinite". De acordo com o médico, há anos a Organização Mundial de Saúde (OMS) já orienta sobre esse tratamento.

A Associação Brasileira de Alergia e Imunologia (ASBAI) também reforça que a vacina deve ser aplicada por um especialista, já que podem haver riscos de reações alérgicas graves, inclusive óbito. Qualquer tratamento deve ser individualizado, alerta a associação.

Para adquirir o tratamento contra rinite, que pode durar mais de um ano, o paciente precisa passar por testes e, a partir de seus resultados, o médico irá solicitar a produção individual da vacina em laboratório.

"Você injeta aquilo que dá reação na pessoa em doses para saber o tipo de alergia e, assim, solicitamos a vacina", afirma Mury. O custo pode chegar a R$ 1,5 mil. Ainda não está disponível no Sistema Único de Saúde (SUS).

Thalita Santos, 23 anos, moradora de São Paulo, faz o tratamento há dois meses com a nova vacina no Hospital CEMA, na zona leste da capital. "Estou notando muita diferença. São cinco frascos, cada um com cerca de sete doses. Tomo uma vez na semana". É provável que há necessidade do uso de medicamentos complementares, como os de uso nasal, já que o tratamento varia de pessoa para pessoa. "É caro, é longo, é chato, mas não me arrependo de estar fazendo", diz Thalita.

Mesmo com a vacina que pode blindar até 80% dos sintomas, os médicos recomendam manter os cuidados ambientais para melhorar a qualidade de vida de quem sofre com a doença.

Mojca JJ/Pixabay.com



Pessoas com propensão à rinite devem tomar uma série de cuidados

Tipos de rinites mais comuns:

- **Medicamentosa: muitas pessoas usam medicamentos sem orientação médica. As gotas nasais causam pressão alta, ansiedade, derrame cerebral e infarto.**
- **Irritativa: afeta pessoas, principalmente nas grandes cidades e locais poluídos. Os sintomas podem aparecer em pessoas que trabalham sem usar máscaras em fábricas ou ambientes com muita poeira.**
- **Vasomotora: ocorre em pacientes com sensibilidade da mucosa nasal nas mudanças bruscas de temperatura (do frio para o calor ou do calor para o frio).**
- **Alérgica: Acontece principalmente em cidades grandes, cujo ambiente é poluído, em locais dante e também em lugares úmidos com mofo.**



Bravo! está de volta ao mercado

Referência do jornalismo cultural brasileiro retoma as atividades em novo formato

DIEGO BARCELOS

A revista Bravo!, publicação que circulou entre 1997 e 2013, retorna, em 2016, no formato digital com recursos multimídias e textos aprofundados, chamados de dossiês. A previsão da equipe digital é lançar temporadas temáticas trimestrais, com um novo episódio a cada 15 dias.

À frente dessa nova fase estão dois ex-executivos da Editora Abril, Helena Bagnoli e Guilherme Werneck. "Acreditamos existir hoje espaço para uma publicação cultural mais profunda, principalmente com a perda de espaço para cultura na grande imprensa", diz Werneck sobre o regresso.

Esta carência de ambientes para falar sobre arte e cultura nos veículos tradicionais, que resvalam no tema, para tratar de entretenimento, aponta um caminho para produções do gênero. "Só veículos especializados conseguem abordar o tema com a profundidade que merece. Acreditamos que há pessoas interessadas em mergulhar em vez de ficar apenas na superficialidade", aponta Werneck.

Junto com a versão online, serão produzidos especiais impressos, que estarão abertos para acolher textos do site e novos materiais. "Nossa ideia é fazer um produto que seja quase um livro de arte. Para fazer uma analogia com a música, vamos fazer um disco de vinil, que pode conviver com nossas faixas no Spotify ou no Itunes", esclarece o executivo.

A sócia-fundadora de uma empresa de difusão de filmes e educadora, Lívia Almendary, acompanha o mercado de produções culturais e comenta o retorno. "Espero que haja espaço para se pautar outras manifestações artísticas que não sejam meramente contemplativas ou elitistas. Há várias ocupações e intervenções pela cidade que não entram nesses veículos de comunicação".

Novos rumos

A Bravo! foi licenciada da Editora Abril e busca, nessa variedade de formatos e aspectos, uma forma de manter um jornalismo independente. "Estamos tentando vender de forma diferente: criar conteúdo para marcas, ter experiências ao vivo e eventos, como o Prêmio Bravo!", relata Werneck.

Para iniciar a nova fase, trata do assunto Incertitude. Seja no tema da Bienal de São Paulo de 2016, Incerteza Viva, ou no cenário político e econômico, o desconhecido se torna mais próximo e presente. "Todas as certezas estão sendo colocadas em xeque, da sexualidade às formas de trabalhar e se comunicar", explica o executivo.

Com o site www.bravo.vc, versões impressas, blog e redes sociais, eles adotam postura agregadora de arte e cultura. "O importante é manter a comunidade viva e chegar às pessoas onde elas estão", finaliza Werneck.

Divulgação



Capa de episódio recém-lançado no site

Teatro Oficina faz vaquinha virtual para continuar existência

Coletivo teatral resiste ao tempo, conserva as origens e adapta-se ao desafio de se manter na ativa

JACKSON QUIRINO

Um dos mais antigos grupos criados, envolvendo encenações na cidade, a companhia Teatro Oficina Uzyna Uzona, mais conhecida como Teatro Oficina, é símbolo da contemporaneidade urbana paulistana há quase 60 anos e tenta sobreviver através do apoio do público.

Hoje busca na internet ajuda financeira, para se manter na ativa, através do crowdfunding, método pelo qual pessoas em geral doam quantias variadas por meio da internet e em alguns casos recebem uma contrapartida, seja com benefícios exclusivos ou serviços especiais.

O financiamento coletivo é feito através do portal teatroficina.org, e os doadores podem escolher entre doações mensais de 10 e 250 reais ou em parcela única, que vão de 50 a 5.000 reais. Segundo membros da trupe, o orçamento anual precisa de R$ 2,7 milhões para pagar os atores e colaboradores. Há também a opção de doar através do Imposto de Renda, no qual a pessoa pode ceder até 6% do valor total em forma de depósito bancário e o valor é restituído na declaração do ano seguinte. Os que participam da ação podem se tornar patrocinadores e co-produtores da companhia, de acordo com a quantia da colaboração feita.

Fundado em 1958, pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, o Teatro Oficina apresenta, em sua maioria, espetáculos com temática nacional e regional, o que representou uma ameaça ao grupo teatral na época da ditadura militar (1964-1985). Zé Pi, membro do coletivo desde 2010 como músico e diretor, ressalta a tensão vivida na época. "Os atores tinham que dar um jeito para disfarçar o tema das peças, mudar o roteiro, local dos ensaios, tudo isso em troca da vista grossa dos censores", recorda-se.

Após os anos de chumbo, o Teatro Oficina retornou as atividades com a direção de Zé Celso, que acompanha o projeto desde a fundação, adquirindo como característica marcante os espetáculos à moda de óperas de carnaval eletrocandomblaicas, ou seja, musicais com coral numeroso e bandas ao vivo, principalmente em obras consideradas clássicas, por exemplo Bacantes, de Eurípedes e Hamlet, de Shakespeare. As representações de textos nacionais também retornaram com força sendo a obra Os Sertões, de Euclides da Cunha, o marco para o movimento de imersão em outro pilar dos valores do grupo, que é a exposição dos traços que trazem ao público o sentimento de conhecer um novo ponto de vista da realidade.

Hoje em dia, outras encenações levam ao palco o universo do cotidiano como Paranoia, com direção e atuação de Marcelo Drummond a partir dos poemas do livro de Roberto Piva, poeta e autor paulista falecido em 2009. Drummond ressalta o valor da obra na dificuldade de representar o texto. "Por ser uma composição que não é teatral, a peça tem um valor grande. É uma das mais difíceis na qual trabalhei". A atuação é um monólogo que dramatiza o cenário das ruas de São Paulo descritas por Piva.

Atualmente, o espaço do Oficina, reconhecido pelo jornal inglês The Guardian como melhor do mundo, além de receber as peças teatrais, também é sede do Movimento Bexigão, que busca a integração de crianças e jovens com o meio artístico, envolvendo, além de oficinas teatrais, capoeira, tecelagem, circo, percussão e documentário. Estas atividades são desenvolvidas em parceria com organizações não governamentais e também com o Ministério da Cultura e a escola de samba Vai-Vai.

Jackson Quirino



Fachada do Teatro Oficina Uzyna Uzona, no centro de São Paulo

A ponte entre jornalismo e a emoção

Confira a entrevista com Fausto Salvadori Filho, do Ponte Jornalismo, especializado na cobertura sobre Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos

DANIELA DOMINGUES
NATALY OLIVEIRA

Fotos: Vida Barbalho



Fausto Salvadori Filho (esq.), ao lado de Camila Russi, Thaís Nunes e Vítor Guedes

O FAPCOMUNICA entrevistou um dos colaboradores da Ponte, um canal de informações online que trata o jornalismo sob os prismas da Segurança Pública, Justiça e dos Direitos Humanos, para dar visibilidade aos "excluídos" pela mídia comercial. Desde 2014, o projeto investigativo é tocado por uma equipe de voluntários, com experiência anterior em grandes veículos de comunicação.

Fapcomunica - Como é trabalhar diariamente, dando voz aos "excluídos" da considerada mídia tradicional?

Fausto Salvadori Filho - O tempo todo, seja entrevistando um "excluído", um morador dos Jardins, um artista de rua ou um senador, a gente precisa lembrar que, antes de ser fonte, a pessoa com quem estamos falando é um ser humano. Parece bobo, mas é muito fácil esquecer isso na confusão dos dias do trabalho jornalístico. Se lembrar que está falando com seres humanos, vai fazer um bom trabalho. E, dentro dessa relação, não faz muita diferença quem é essa pessoa, de onde veio ou quanta grana tem.

Para a equipe do site, o que é a mídia comercial? O que a difere da proposta da Ponte?

Para começar, a mídia comercial tem como objetivo, antes de mais nada, fazer dinheiro. Ela se constrói pensando na informação como produto, algo para ser vendido e transformado em lucro no bolso dos donos dos meios de comunicação – muitas vezes, às custas de trabalhadores explorados, contratados em condições ilegais, sem direito a carteira assinada nem horas extras.

A Ponte sonha em ser sustentável, não lucrativa. Queremos ganhar o suficiente para manter o projeto. Para nós, a notícia não é um produto, mas uma ferramenta de conhecimento e transformação da realidade. Queremos mostrar realidades que muitos não conhecem, debater sobre elas e, quem sabe, promover mudanças em direção a um mundo mais feliz. E, por fim, nossa estrutura não segue a divisão hierárquica e muitas vezes autoritária das redações. A gente se organiza de forma horizontal, sem chefias. Não é fácil construir esse modelo, mas seguimos tentando.

De que forma o projeto Ponte sobrevive?

O trabalho todo ainda é voluntário. Estamos pensando em financiamento via fundações que se alinhem com nosso projeto, nos moldes do que a Pública faz. Enquanto isso não acontece, continuamos trabalhando sem dinheiro.

Os apoiadores não dão grana. Eles nos apoiam com pautas, ideias, entrevistas, reportagens. E, principalmente, estão com a gente. São pessoas e instituições que nos dão força, seguindo o lema da música cantada pela Maria Bethânia: "Não mexe comigo, que eu não ando só". Como lidamos com um tema que envolve riscos, não podemos andar sozinhos. Se alguém quiser nos fazer mal, precisa saber que está atacando muita gente.

Por que o enfoque nos temas Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos?

Eu diria que o que nos inspirou foi a trajetória pessoal de cada um, aliado à nossa análise sobre a realidade brasileira. Os fundadores eram todos jornalistas que, em reportagens sobre crime ou direitos humanos, tiveram contato com a realidade da violência de Estado e das graves falhas que envolvem a atuação do aparelho punitivo de Estado (polícia, sistema penitenciário, Ministério Público e Judiciário) e que só fazem reforçar as desigualdades raciais, de classe e de gênero. Creio que todo mundo na Ponte compartilha a noção de que a desigualdade de direitos é um dos principais entraves para o Brasil se tornar uma democracia. A noção, reforçada em diversas instâncias de poder, de que as pessoas pobres e negras da periferia têm menos direitos do que os demais, inclusive os direitos à vida e à dignidade.

A Ponte nasceu na internet - vê diferenças de produção, edição e publicação de um meio nativo digital em relação aos meios tradicionais como tv, impresso e rádio?

Acho que hoje em dia não existe mais essa divisão tão tradicional entre meios. A rigor, está todo mundo na internet, inclusive as rádios e os veículos impressos. E mesmo a gente, que nasceu no online, lança alguns produtos impressos, como um livro sobre as "Mães em Luta", que estamos publicando agora.

E o que você sente vendo a Ponte atingir um público de mais de 50 mil pessoas?

Números são importantes. Mas o que eu queria mesmo era ver as matérias que fazemos mudando as realidades das pessoas. Que assassinos que denunciamos fossem punidos, que o Estado revisse suas políticas, que menos pessoas sofressem abusos ou condenações injustas.

Como é o apoio institucional da Agência Pública de jornalismo investigativo?

A Pública atuou como incubadora do projeto, compartilhando conosco recursos básicos, como uma redação com telefone e computador, uma sala de reuniões e a verba para criação e lançamento do site. A parceria durou alguns meses, conforme previsto.

Consegue tirar seu sustento deste trabalho?

Todos têm outros empregos e fazem a Ponte nas horas vagas. Conciliamos diminuindo horas de sono e lazer, o que é horrível.

Qual a dica que você dá para o aluno que pensa em ingressar no jornalismo e para o que se forma agora?

Pegue um tema que você goste muito e comece a trabalhar com ele em projetos próprios, sozinho ou com amigos. Pode ser TCC, blog, livro, o que for. Você aprende muito, cria um portfolio e pode ter acesso a boas oportunidades.

O que acha que os alunos de Jornalismo podem fazer para que mais histórias como as reveladas pela Ponte sejam visíveis e conhecidas?

Lembrar sempre que há uma cidade além das barreiras que separam os bairros ricos das periferias e que essas visões de mundo precisam aparecer nas reportagens. Não só em matérias de cidades e política, mas também, ou principalmente, em comportamento e cultura.

De todas as histórias que você já cobriu na Ponte, qual delas mais emocionou?

Das matérias que fiz neste ano, eu lembraria de um capítulo que escrevi para o livro "Mães em Luta - Dez Anos dos Crimes de Maio de 2006", sobre o caso do Carlinhos, um homem com idade mental de criança, que nunca fez mal para ninguém, e que foi preso, torturado até a morte e esquartejado por policiais militares de um grupo de extermínio conhecido como Highlanders. Conhecer a família do Carlinhos, toda a dor que eles passaram, é o tipo de coisa que marca a gente. A mãe dele morreu de câncer, e toda a família acredita que a morte do filho e a falta de justiça aceleraram a doença dentro dela. A Vânia, filha dela, deu a entrevista para mim no quintal da casa do pai. Hoje, ela não tem mais coragem de entrar naquela casa para não ver a ausência da mãe.

Eu diria que toda história deve emocionar. Jornalista que não se emociona perde a humanidade. E sem humanidade não há jornalismo. Não há nada.

Além do caso Carlinhos, o livro conta mais histórias?

"Mães em Luta - Dez Anos dos Crimes de Maio de 2006" trata dos dez anos dos crimes de maio de 2006 e é uma parceria com as Mães de Maio.

No livro, explicamos o que foram os crimes de maio e apresentamos perfis de mães vítimas da violência do Estado. Organizado por André Caramante e prefácio feito por Eliane Brum, o livro foi uma proposta das Mães de Maio, com financiamento da Secretaria dos Direitos Humanos da Prefeitura de SP.



"Jornalista que não se emociona perde a humanidade", alerta Fausto Salvadori Filho